

SUBSTITUIÇÃO DO PORTUGUESA
1921

ANTONIO
SOARES



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 20 ctv.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:

Trimestre 2800 ctv.

Semestre 5300 "

Ano 10300 "

Redacção, administração e oficinas: Rua do Sacramento, 43 — LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as **INDUSTRIAS** e **AGRICULTURA**
Pedir preços, orçamentos a
C. STFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

Academia Scientifica de Beleza

Ruvida, 23-GIS DA

Telef. 3641

Produtos indispensaveis á toilette das senhoras elegantes na presente estação

FARD Blanc de Beauté — Dá ao rosto mais moreno, pescoço e braços o branco das camélias.

CRÈME de Cisne — Verdadeiramente ideal para branquear as mãos, também se pôde usar no pescoço e braços.

CRÈME Esmalte — Superior para branquear o rosto, pescoço, braços e mãos.

AGUA Misteriosa (Pó de arroz liquido) — Branqueia naturalmente a pele. Muito usado no pescoço por não sujar as gotas. Para usar de dia.

CRÈME Imperatiz — Branqueia naturalmente a pele mais morena. Só se usa ao deitar.

Depositos em Lisboa: Salão Mimoso, rua Augusta, 282. Porto: Rua 31 de Janeiro, 234. Resposta mediante estampilha.

Descontos aos revendedores



MESQUITA & VIGA NOVA, C.^{DA}

Ourivesaria e Joalheria

Completo sortido — Compra ouro

58, Travessa de S. Domingos, 60

ANEMIA

DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA
Todos os Medicos proclamam que

• VINHO • **DESCHIENS** (PARIS)
• XAROPE •
de Hemoglobina

CURAM SEMPRE



TRABALHOS TIPOGRAFICOS

em todos os genercs

Fazem-se nas officinas

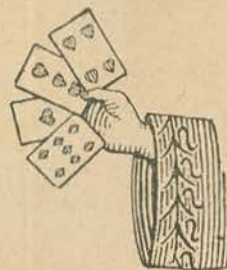
da

"Ilustração
Portugueza"

R. do Seculo, 45

LISBOA

M.^{ME} VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no
passado e presente
e diz o futuro.

Garantia a todos os
meus clientes: com-
pleta veracidade na
consulta ou reembolso
do dinheiro.

Consultas todos os
dias uteis das 12 ás 2
horas e por correspon-
dencia. Enviar 15 cen-
tavos para resposta.

Caçada da Patriar-
cal, n.º 2, 1.º, Esq. (C-
mo da rua d'Alegria
predio esquina)

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 778

Lisboa, 15 de Janeiro de 1921

20 Centavos



O ilustre artista Veloso Salgado ultimando o seu *parneiro* da sala da Camara dos Deputados, antes de ele ser colocado no seu logar.

Cronica da Semana



AINDA não está completa a decoração da Camara dos Deputados, mas já ali se encontra o principal: o grande quadro de Veloso Salgado, representando as côrtes constituintes de 1820 e as estatuas simbolicas da Lei, Diplomacia, Justiça, Constituição, Eloquencia e Jurisprudencia. Todas estas obras são dignas do recinto onde as collocaram, todas contribuem para incutir o respeito em quem ali entra, mas por que somos um povo de chocarreiros vá de bordar anedotas sobre a pintura e sobre a escultura, e não admira que em breve algum revisteiro teatral faça figurar as estatuas como personagens em numeros comicos, ou provocando a replica do «compère...»

Na verdade, surgiu com a collocação de uma das referidas estatuas um incidente que, até certo ponto, justificaria a irreverencia dos humoristas, qual foi o da Eloquencia não ter podido entrar pela porta, em vista das suas descomunais dimensões, tendo sido necessario amputar-lhe um dos braços, que depois se lhe applicou.

Estamos a ouvir aos comentadores de má lingua conclusões desagradaveis para os senhores deputados, como se aquella Eloquencia não fosse materia inerte, sem sombra de culpa no que lhe aconteceu: que ella fez o possivel para fugir d'um logar onde tem sido mal tratada, que só aleijada podia simbolisar a nossa oratoria parlamentar, será o menos que terão dito os inimigos do actual regimen e até amigos ou indifferentes.

Mas tudo passa, e muito rapidamente passa o que não tem consistencia nem razão, como os comentarios a que nos referimos; o procedimento futuro dos senhores deputados, na presença d'aquellas figuras serenas e magestosas, com attitudes como que a ajuizar dos actos de quem representa a nação, nas suas funções mais nobres, apagará os risos desconchavados e restituirá á sala o solene recolhimento dos tempos em que n'ella ecoavam as vozes de tantos e tantos patriotas de quem nunca ninguém se atreveu a zombar.

CREMOS que não é grande a tiragem dos «Filistens», jornal academico de recente publicação, mas apesar de nunca o termos lido, profetisamos-lhe auspicioso futuro e temos os seus redactores como verdadeiros mestres do jornalismo moderno, do que cultiva o reclamo como sendo o melhor meio de propaganda. Poucos numeros conta e já conseguiu revolucionar o Rocio e suas imediações umas poucas de noites, com bengaladas, cabeças partidas, prisões, etc., tudo isto executado com tal precisão e intelligencia, que ninguém dirá que se trata d'um artificio no intuito de chamar a atenção do publico para o jornal.

Somos do tempo em que as gazetas academicas eram apenas um repositório inutil e inocente de versos liricos, contos amorosos e referencias timidias e veladas aos lentes e bedéis das escolas; nunca, então, qualquer colaborador se lembrou de explorar a nota politica e muito menos de rachar o cráneo do seu semelhante; o maximo a que se chegava, para adquirir leitores, era o servir-lhes uma secção de charadas e de enigmas pitorescos, que lhes deixavam a cabeça em agua, mas intacta. Por isso a vida

d'essas publicações era efemera e difficil, mas n'elas experimentaram as suas forças, n'elas se habituaram ao contacto com o publico muitas das penas que mais tarde o serviram convicta e serenamente; hoje, pelo visto, as forças que se experimentam são as dos musculos e o que se prepara são bacamartes, que bem podem, ao dispararse, ferir algum alvo ao qual não fosse feita a pontaria.

Ha quem tenha saudades das charadas, e com razão.

INSERIMOS n'este logar um soneto do livro «Namorados», de D. Virginia Vitorino, publicado no «Seculo», edição da noite, e acompanhámo-lo com palavras justissimas, de admiração. O livro só agora nos foi entregue, por amavel oferta da autora, e depois da leitura entendemos que foi pouco, muito pouco o que d'ele dissémos, como agradecimento pelo intensissimo prazer que nos causou aquella obra tão fóra do vulgar. Não sabemos de poesia portugueza dos ultimos tempos tão sentida como esta, nem conhecemos melhor maneira de para ellas conquistar a simpatia dos leitores do que escolher e transcrever as mais belas... Mas é precisamente na escolha que consiste a difficuldade; mais belas—se todas o são igualmente! Folheemos e a sorte que decida, para o exiguo espaço de que podemos dispor:

DIFERENTES

«Fala comigo, amor. Conta-me tudo.»
Assim dizia a tua linda carta.
As saudades que sofre quem se aparta!
E como eu sou feliz porque me iludo!

Custou-me que partisses. E, comtudo,
Murmurei ao sabê-lo: «Pois que parta.
Aborreceu-se? Tambem eu estou farta.
E se mudar, então tambem eu mudo.»

Poste. O que escreves são banalidades.
E contas-me sem sombra de saudades;
«Passeio... mato o tempo, assim... assim.»

Comigo quesi o mesmo se está dando;
Mas em vez de ser eu que o vou matando
O tempo é que me vai matando a mim.

OUTROS livros temos presentes, de que desejaríamos fazer mais do que simples referencias; são o «Repto ao mundo», de Francisco Alves; «O imperialismo britânico», de R. Gonçalves Pereira, e «As feiticéiras», de Sousa Costa.

O primeiro, que tem por sub-titulo «O planeta da regeneração», a terra, são noções elementares de espiritismo e n'ele o autor, que é imaginoso e fluente, propõe-se, conforme diz no prefacio, auxiliar o conhecimento mundial d'esse facto, não só pelo que len mas pelo que presencou; o segundo, separata do «Economista Português», é uma dissertação defendida na faculdade de direito da Universidade de Lisboa, no exame de Sciencias Economicas e Politicas, representando inteiro conhecimento do assunto, que é exposto com erudição e ao mesmo tempo com clareza; o terceiro, finalmente, pertence á collecção da «Novela Portuguesa, e inicia-a brilhantemente, com o encanto de todos os contos e romances do mesmo autor, incontestavelmente um dos nossos mais festejados litteratos d'hoje.



AS MURAIHAS DE BRAGA

POR HUMBERTO BEÇA



EJA este desprezível artigo como que a conclusão do ativo e nobilíssimo protesto que, a paginas 402 do 1.º volume da «Instrução», publicou em maio de 1906 o sr. Manuel Monteiro que, entre tão poucos, levantou também a voz indignada contra os vandalismos de que tem sido vítima a grande

materia dos monumentos historico-militares que tanto abundavam no nosso país, a atestar a grandesa de passadas eras, e que, uns pelo abandono criminoso a que foram votados, outros pela ignorancia dos povos circumvisinhos, os restantes por uma mal orientada e entendida furia progres-



Uma torre isolada no Largo de S. Paulo.

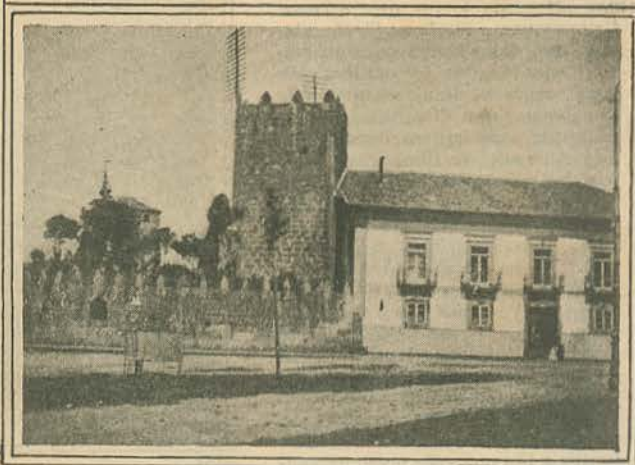
sista, teem, pouco a pouco, desaparecido; estes desmorrando-se miseravelmente sem que um rasgo de patriotismo lhes deite a antepára que conserve legivel essa página esplendida da nossa velha historia, aqueles abatidos estupidamente sob a picareta dos «cabouqueiros... do progresso», sem que um gesto de bom-senso, suspenda esse crime desnecessario de lesa-historia.

Da cidadela de Braga, de que desassombradamente falou no citado artigo o sr. Manuel Monteiro, já só existe a torre de menagem, ridiculamente cercada de barracões-restaurantes, de quintalejos-cafés, de muros de construções incompletas!...

Quanta razão tinha o illustre protestante quando, no seu brado de revolta contra o desnecessario vandalismo, escrevia:

«Eis o que era digno de registo acerca do vetusto monumento, abominavelmente sacrificado a um progresso caricato e a «um melhoramento problematico e inverosimil».

De facto,—oh designios do destino!—a cidadela destruiu-se, mas o melhoramento projectado a cons-



2. Outra torre do seminario, que um campanario encima, obra de uma congregação religiosa que, da propria torre, tirou o nome de Nossa Senhora da Torre.—5. A torre do Largo de S. Paulo e a do Seminario.



A torre de menagem... entre as barracas dos cafés baratos

truir no local onde o velho alcaçar levantou sobranceiro e airoso as suas robustas cortinas jaz ha doze anos, apenas nas paredes exteriores, habitação exclusiva e comoda de pombas e pardais que lhe entram em bandos pelas janelas sem portas como orbitas vãs a patentearem ao visitante da cidade dos bispos a desolação do seu corpo sem vida, esventrado, vazio, a inutilidade da sua existencia sem vida!

Da cidadela quasi nada existe e das velhas muralhas da ampla cerca pouco mais de nada tambem.

As longas cortinas, que entre si ligavam as torres e cubelos do circuito, desapareceram ha muito; das alterosas torres que a cerca flanqueavam, tambem já só existem tres exemplares mais ou menos escavacados e occultos por construções particiuares que, não se sabe por que direito, se lhe encostaram aos muros denegridos, no contraste irritante das suas paredes caídas com a côr do granito da derrocada construção, que o tempo enegrecen, mas respeitou.

Noticia historica!... de quê? de muros que já não existem? de factos cujo local se ignora?

Que interesse pode isso ter agora que não podemos ir ao teatro de tantos e tão notaveis acontecimentos da nossa historia, reconstitui-los diante de testemunhos coevos, que nos permitiriam como que

restabelecer diante dos nossos olhos, no nosso espirito, o que foi em épocas culminantes da historia nacional a existencia e a ação d'esse velho burgo dos arcebispos primazes, da lendaria cidade dos bracaros?...

Braga consta ter sido fortificada desde tempos imemoriais. As lutas constantes d'essas épocas alias-tadas, em que a violencia era a lei suprema dos povos, destruiu-lhes varias vezes os circuitos amuralhados, logo reconstruidos, para de novo serem abtidos nas guerras d'esse tempo que a ferocidade especialmente caracterisava.

Sempre, como a Phenix, renascendo das proprias cinzas, e sempre mais remoçada e mais robusta, a Bracara Augusta dos romanos chegou por fim ao dominio do condado de Portucale, onde se integrou com a provincia de que era capital secular.

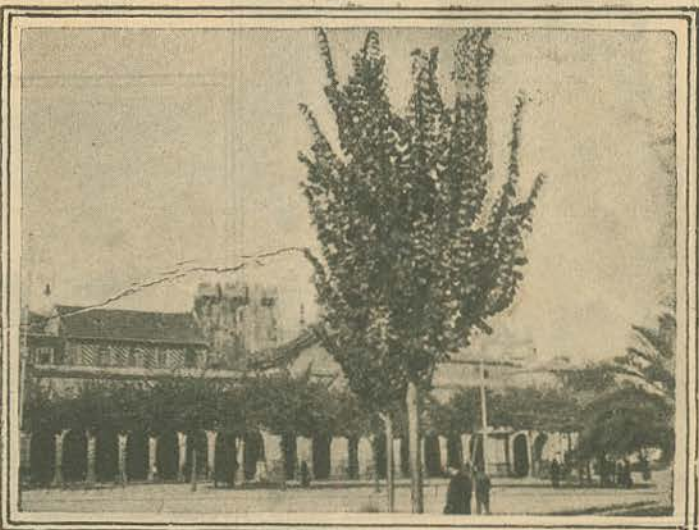
D. Henrique e D. Afonso I procederam logo á reparação das muralhas de Braga, então decad. da sua antiga grandeza, em que tinha chegado, no dominio romano, a contar mais de 200:000 habitantes.

D. Fernando, mais tarde, procedeu, por motivos da sua politica externa, a melhoramentos em diversas fortificações do reino, entre ellas, as muralhas de Braga, melhoramentos a que já D. Diniz tinha procedido anteriormente, parecendo datar do seu reinado a construção da cidadela central, de sólida e valente construção, de que hoje só resta a torre de menagem, interiormente tambem quasi desmaafelada.

As torres restantes, destruídas as muralhas para dar lugar ao alargamento da cidade, encontram-se perdidas no meio do casario que em torno se lhes foi levantando e foi crescendo.

Das suas antigas portas não existe nenhuma.

O actual arco da Porta Nova foi construído no mesmo local onde deve ter existido algumas das portas da cidade, pois, do seu lado esquerdo, quasi inteiramente encoberta pelas casas do largo das Hortas, e erguendo-se tristemente no quintal de qualquer d'elas, em companhia das couves de algum alfobre ou das galinhas de alguma capoeira, se vê ainda uma torre completa, ameada, denegrida, para ali esquecida na propriedade casual do feliz cidadão que poderá erguer-lhe algum caramanchão inglês com rede para sêsta e mesinha para café, no mesmo eirado onde se ergueram os piques e as lanças e se enristaram as flechas dos soldados medie-



A torre de menagem, de que pouco mais se vê que as balhesteiras superiores, vista da Avenida.

vais do velho Portugal,
«couchados de ferro, épi-
cos, e deslumbrantes».

São poucos os que se interessam por essas velharias, de que os «altos espiritos...» sorriem complacentemente.

Essas velharias foram a pedra angular onde se firmou a nossa nacionalidade e se assinou solenemente a carta de alforria d'esses espiritos privilegiados...

São poucos, mas ainda os ha e de alguns tenho recebido amáveis cartas sobre os meus despreziosos artigos na «Ilustração Portuguesa».

D'uma que recebi ultimamente, peço vénia para transcrever alguns trechos que representam uma idéa altamente patriótica e uma iniciativa digna dos maiores louvores.

«...Sr. Humberto Beça

Formou-se ha pouco, em Lisboa, uma associação dos Amigos da Biblioteca. Porque não se ha de formar identicamente uma associação nacional denominada «Amigos dos Monumentos Historicos»?

Sou modesto, não poderei contribuir grandemente para esse fim, mas se v. achar viavel a minha lembrança, fará a fineza de me inscrever com a quota annual de vinte escudos.

De v. , etc.

José Domingues da Rocha Belesa.»



A torre que defendia a Porta Nova, encravada entre as casas das ruas adjacentes

Aí fica a idéa do meu desconhecido correspondente, que tão patrioticamente se oferece para auxiliar a conservação dos nossos monumentos historicos.

Pertence-lhe a iniciativa.

Divulgue-a a grande tiragem da «Ilustração Portuguesa», pelo país, pelas colonias, pelo Brasil e surjam, enfim, as boas vontades, as almas sensiveis e patriotas dos bons portuguezes a dar vulto e corpo a essa iniciativa tão alevantada e nobre e tão digna de apreço e do auxilio de todos os que ainda se interessam pela elevação moral do seu país, n'esta época utilitarista que atravessamos.

NOTA DA REDAÇÃO:

A «Ilustração Portuguesa» concorda com o alvitre do Sr. Rocha Belesa, a que o espirito patriótico e superior do nosso colaborador Sr. Humberto Beça deu publicidade. Ha já os amigos do Museu e muito essa reunião de filantropos tem feito em pró dêsse estabelecimento de devoção e arte. Ha já os amigos da Biblioteca. Não seria bem constituir-se os amigos dos Monumentos e da Arte Portuguesa? Nos Estados Unidos da America a iniciativa particular funda museus e bibliotecas, laboratorios e universidades, hospitais e maternidades. E' ella quem auxilia prodigiosamente o Estado. Entre nós a iniciativa particular é quasi um mito. Que elle não seja porque a arte e a terra portugueza só terão a lucrar com isso.



A torre que defendia a Porta Nova, vista pela parte interior das muralhas

A ORDEM DE S.ª MARIA DO CASTELO E O CONGRESSO ARQUEOLOGICO NACIONAL



D. Paio Peres Correia, notável guerreiro e diplomata do século XIII, conquistador de Tavira, que transformou a velha mesquita mourisca na Igreja de Santa Maria do Castelo, em cuja capela-mór jazem os seus ossos.



OR iniciativa de Antonio Cabreira, fundou-se a Ordem de Santa Maria do Castelo e reuniu-se o Congresso Arqueologico Nacional em Tavira, formosíssima cidade algarvia, rescendendo a lendas mouriscas e padrão glorioso do heroismo português. A Ordem, visando a restaurar as festividades no velho e lindo templo, que foi mesquita arabe, e a cuidar dos monumentos nacionaes; e o Congresso, propondo-se a estabelecer uma defesa eficaz do nosso patrimonio artistico e historico, são dois pensamentos complementares, cuja realisação foi revestida da maxima pompa e brilho. A entrada solene dos cavaleiros da Igreja, a inauguração do retrato de D. Paio Peres Correia, o juramento dos iniciados, o «Te-Deum», a recepção da Camara Municipal, a recita de gala, as sessões do Congresso, a exposição de labores femininos e os concertos musicaes acordaram reminiscencias historicas; aproximaram, pela revivencia de ideal, individualidades que a politica tornára antagonicas; afirmaram aptidões e talentos que a falta de estímulos mantinha na obscuridade. Pode-se dizer que a cidade inteira vibrou sob uma emoção que a significou e que constituiu a melhor corôa de gloria para o promotor e colaboradores das solenidades e trabalhos. A Ordem e o Congresso receberam o seu baptismo na fonte purissima da Tradição e da Arte e por isso, o seu exito foi fecundo e suggestivo.



Maestro Pavia de Magalhães



Alferes José Vitorino de Magalhães



Ruy Cordovil



Coronel Artur José da Silva Pereira, autor do panfletico de D. Paio Peres Correia, que presidiu á 2.ª sessão do Congresso.



Os «clichés» que reproduzimos são do distinto artista João Pavia de Magalhães, proprietario da «Foto-Modelo».



Dr. Antonio Cabreira, 15.º neto de D. Paio Peres Correia e representante dos Alcaides-Môres de Tavira, fundador e Mestre da Ordem. — A igreja de Santa Maria do Castelo. — Sepultura dos sete Cavaleiros, na capela-mór de Santa Maria do Castelo, lado da Epistola, e cujo massacre apressou a tomada de Tavira. — Sepultura de D. Paio Peres Correia, na capela-mór de Santa Maria do Castelo, lado do Evangelho.



TRAGEDIA.

INTIMA. por

Manuel Carrusca



A sua cadeira larga de rodízios, o corpo enghelhado, precocemente envelhecido, a pobre paralítica via correr os dias, via correr os anos da sua juventude.

Triste juventude!

Henriqueta tinha vinte anos e havia quantos já o seu corpo inerte se encontrava chumbado àquela larga cadeira de rodízios!

O sofrimento cavara-lhe nas faces palidas fundos sulcos amargos, e o canto dos lábios contraía-se-lhe num rictus de perpetua tristeza.

Usava os cabelos negros simplesmente apartados, e tinha uns olhos castanhos, grandes, lindos, de uma melancolia grave, que eram bem o espelho fiel daquela alma torturada.

Passava os dias junto à janela do seu quarto, por dentro da vidraça, entretendo-se com produzir pequenas maravilhas de renda que saíam de entre as suas mãos brancas e afiladas. Às vezes, levantava a vista do trabalho, e então punha-se a pensar longos momentos, de olhar vago e inexpressivo, punha-se a pensar horas, até.

Em que pensaria a pobre paralítica?

Aos vinte anos, os pensamentos são côr de rosa, são plenos da alegria e da luz da esperança vigorosa e confiante, são devaneios em que impera a ancia de viver...

Seriam assim os pensamentos de Henriqueta?

Que esperança acalentadora podia ter quem via a vida limitada ao seu quarto tão triste e àquela larga cadeira de rodízios?

Que pensamentos côr de rosa e que ancia de viver poderia sugerir um cerebro sempre envolto na gaze negra do véu da melancolia?

A paralítica tinha uma irmã. Mais nova dois anos, Ema era viva, travessa, tinha nos olhos negros a garotice frívola de uns dezoito anos despreocupados.

Mas, posto isto, um affecto grande e demonstrado, sempre a uniu à pobre Henriqueta, acrescido de uma comiserção dissimulada delicadamente.

El os momentos mais ditosos da paralítica, eram aqueles em que Ema, acalentando nas mãos as suas mãos geladas, lhe contava entre risos toda a alegria da sua alma.

As vezes a paralítica tambem sorria...



... dado ás letras e ás ilusões...

nehiro de folguedos e alegrias, nos tempos ditosos em que a larga cadeira de rodízios não existia ainda, por desnecessaria, costumava vir, todos os sabados, passar um bocado da noite com as duas irmãs.

Vinha ele e a mãe, sempre às oito horas, sempre pontuaes.

Traziam a paralítica para a saleta, e aí, na luz velada pelo «abat-jour» verde do pequeno candieiro de metal branco, colocado no centro da mesa, redonda e coberta por um pano liso verde-escuro, cercado de guarnições de cabedal, seroavam.

Artur, dado às letras e às ilusões, trazia, umas vezes por ontras, composições suas, que lia num recolhido silencio que o escutava.

El enquanto ele lia, paravam as mãos da paralítica na sua faina de produzir maravilhas de renda. Os olhos castanhos, grandes, lindos e melancolicos, como que pretendiam envolve-lo num fluido de admiração.

Espirito perfectissimo num corpo inutilisado!

Como ella comprehendia até onde as azas fantasistas do autor se alávam, como o seu pensamento as acompanhavam nos vãos arrojados!

Mas Artur quasi nem dava fê desta admiração. Toda a sua attenção era para Ema a quem cortejava.

Se a pobre Henriqueta fosse esbelta, galante, perfeita, talvez Artur lhe dedicasse mais do que uma attenção comiserada.

Mas assim?!

A que mais poderia aspirar o seu corpo inutil, chumbado àquella cadeira de rodas?

Ella bem comprehendia que a sua vida estava traçada, ella bem comprehendia que não podia ambicionar mais do que o que tinha, uma amizade comiserada e sentida...

Mas o seu louco cerebro não se inutilisara como o corpo, e trabalhava, trabalhava sem cessar, sugerindo pensamentos que lhe faziam medo, a que ella queria fugir, mas que, máu grado seu, se apossavam della toda.

Ema, inconsciente da tortura intima da irmã, sentia por Artur a mesma admiração, tinha pelo seu talento brilhante o mesmo culto, e por isso foi com um alvoroço de alegria que deu fé da insistencia do moço literato.

El as vindas de Artur tornaram-se mais frequentes, e a breve trecho, já os dois, juntos numa comunhão ideal de pensamentos, em intimas praticas, se deixavam ir em vãos altos de felicidade nas azas utopicas

dos seus anseios. Muda testemunha da felicidade da irmã, Henriqueta via, noite a noite, cada vez mais desfeito o seu sonho de loucura, e a confirmação da inutilidade do tesouro de affectos que possuia tornou-lhe mais negro ainda o negro véu de tristeza que lhe envolvia a existencia.

Um doido sentimento de despeito surgiu d'esse ne-

Artur, amigo de infancia de Henriqueta, seu compa-

grime, tornou-a irracional, aspera... Já que a realização do seu sonho era impossível, já que o seu corpo não servia para mais do que para ser arrastado de sala em sala nos rodízios da cadeira de parálitica, ela não podia pensar que fosse realizável a felicidade da irmã.

A's vezes, na pequenina saleta, quando o silencio mais recolhido deixava ouvir o ciciar caricioso das vozes baixas dos namorados, Henriqueta, de olhos rasos de agua e garganta apertada, sentia vontade de fugir para o seu quarto triste, para ficar sosinha e poder desabafar em soluços que a alanceavam, e que ali tinha de matar na garganta.

Uma tarde, Artur abalçou-se a pedir a mão de Ema.

Foi um dia de alegria para todos naquela casa; para todos menos para Henriqueta que desde então ganhou rancor à irmã, que nem suspeitava da tragedia intima que dera causa à aspereza de modos com que a parálitica correspondia agora às suas atenções.

Para Henriqueta, os carinhos da irmã passaram a ser um martirio, eram como uma consolidação que a requiemava de desespero.

E Ema inconscientemente, ainda mais exacerbava a tortura daquela alma, pois que a fazia confidente das suas alegrias e devaneios.

Chegou emfim o dia da santificação do amor de Ema e Artur.

Tudo acordou mais cedo em casa da noiva, e logo de manhãzinha, torturada ainda, depois de uma noite torturada, Henriqueta começou a dar fe dos preparativos do dia. Os soluços sufocavam-na, e ela para que se não ouvissem, abafava-os mordendo na cabeceira.

A casa a pouco e pouco se encheu de convidados e de um bulicio alegre.

Eram as amigas de Ema, que outr'ora, quando a pobre parálitica não o era ainda, tinham sido as companheiras da infancia ditosa das duas irmãs. Todas alegres, felizes, vestidas de tecidos claros e transparentes, enchiam o ar de risadas e de juventude.

E por um natural sentimento inato em quem è jovem, procurando a alegria, fugindo da tristeza, abandonavam Henriqueta, que sósinha, ao canto de uma janela, ficava chumbada à sua cadeira.

Foram a vestir a noiva e Ema delicadamente quiz que a irmã assistisse.

E Henriqueta assistiu, apertando de encontro aos labios angustiados o lenço de cambráia, com muita força, muita força, para que os soluços não saíssem e não denunciassem toda a tragedia do seu intimo.

Trouxeram-na de novo para o canto da janela, para junto de um alto solitario pleno de magnolias.

Chegou a hora da ida para o templo.

E ao ver mover-se toda aquela companhia de risos e de entusiasmo juvenil, Henriqueta não pôde sustentar as lagrimas, e elas começaram correndo, em fio, como perolas, dos seus olhos grandes e tristissimos.

Ema, antes de partir, quiz beijar a irmã, e ao ver-lhe as lagrimas na face palida, comovida inquiriu:

—Tu choras Henriqueta?... Porque choras?... Dize?!...

E a pobre parálitica baixou os olhos sobre o

colo, e recebendo o beijo da irmã, que lhe requiemou a face como um ferro candente, murmurou num soluço:

—Choro de alegria... E' por te ver feliz!...



... sósinha, ao canto de uma janela,...



ILUSTRAÇÕES DE RODRIGUES MICHELS



O PARZIVAL DE RICARDO WAGNER



O cantar-se o «Parsifal» muito em breve no nosso «Teatro de S. Carlos», será decerto um verdadeiro acontecimento artistico no nosso meio musical, sendo digna de encomios a empresa do nosso primeiro teatro lirico, em fazer conhecer ao publico de Lisboa, uma das obras mais notaveis do teatro wagneriano.

Pena é que o nosso publico não esteja devidamente instruido na obra que irá ouvir; demais sempre pensei que tivéssemos uma série de conferencias elucidativas, puramente populares, afim de revelar ao publico, as belezas da obra e o lugar que ella occupa na evolução musical do grande compositor; infelizmente assim não é, tendo por isto um infinito praser em revelar aos leitores da «Ilustração» uma rapida synthese do que é o «Parsifal», breves notas apenas, mas as necessarias para poder desvendar os fulgurantes horisontes de encanto e misticismo que o «Parsifal» encerra

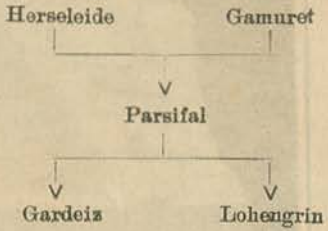
Durante os cinco ultimos anos de Ricardo Wagner, o «Parsifal» nunca lhe saíu da sua ardente imaginação. Já quando escrevia o «Lohengrin», que segundo a tradição é filho de «Parsifal», o grande mestre pensava na grande figura do «homem puro».

Eis umas notas interessantes sobre a evolução do «Parsifal» na vida de Wagner: na primavera de 1857, foi o primeiro projecto do «Parsifal», em 1865 esboço detalhado do poema, de 1876-77 o poema foi trabalhado e terminado em 23 de fevereiro de 1877, a composição foi concluida no outono de 1877, o 1.º acto e uma parte do 2.º, em outubro do mesmo

ano; o 3.º começado depois do Natal de 1878 e terminado em abril de 1879. Em 13 de janeiro, na cidade de Palermo (1882), terminou a partitura. A 26 de Julho de 1882, primeira representação do «Parsifal» em Bayreuth, 16 recitas até 29 de agosto. O preludio ja tinha sido tocado em Bayreuth no Natal em 1878 pela orquestra dos Meiningen.

Os primeiros interpretes do «Parsifal» foram: Amelia Materna, a Teresa Malten, Mariana B andt (Kundry), Winkelmann, Gudehufes, Jaeger (Parsifal), Reichmann (Amfortas), Scaria (Gurnemanz), Carl Hill (Klingsor), Kindermann (Titurel) e regente da orquestra Hermann Levy.

A filiação do «Parsifal» é a seguinte:



A lenda do Graal tem os seus inicios nos evangelhos; o apocrifo de Nicodemus conta-nos o primeiro milagre de Graal, mas Ricardo Wagner consultando varias fontes fez um poema com a maxima liberdade. Assim vemos que lhe serviu de norma o «Parzival» de Wolfran de Eschenbach na versão de



1. Wagner. 2. Medalha de bronze, por A. Scharff. 3. Wagner. Caricatura inglesa de Faustino, «Figero» Londres, 1873. — 4. Wagner, por André Gill. «L'Eclipse» 1869. 5. Caricatura austriaca de Lau. Leipzig, 1876.

Simrock, a «Canção de Alexandre» de Lamprecht (edição de Weismann) e a «Guerra de Watburg» (edição Ertmullier). Todavia foi o poema de Eschenbach o melhor guia que o musico encontrou para a sua obra.

«Parsifal» é um simples, um ingenuo, um puro. E' o verdadeiro canto da redenção humana, pela pureza da alma, pela infinita bondade, iluminadas

messa, «Galopadas»—«Kundry»—«Balsamo», é toda ela uma elevação constante das melodias mais puras, mais transcendentas, que uma alma tem vibrado na «Arte musical» dos ultimos tempos.

Podemos censurar uma outra profanação na acção biblica do drama místico, mas a musica conquista as regiões mais ideais do pensamento



O monumento de Wagner em Munich. Trabalho do professor Henrique Waderé

de fé. Mas ao lado de «Parsifal», aparece a mulher «Kundry» que, segundo Lichtenberger, é uma das figuras mais originaes e mais complexas do teatro de Wagner. E' o simbolo do «Eterno feminino», a original Tentadora, a Rosa do Inferno.

A musica do «Parsifal», baseada tambem na forma dos «leit-motivos», sendo os principais a «Ceia»—«Graal»—«Fé»—«Lança»—«Sofrimento»—«Pro-

humano e quando ouvimos essas paginas tão banhadas e iluminadas das melodias mais castas, sentimo-nos subjugados perante o vigor de genio, em face da Belesa mais suggestiva.

E' esta musica que em breve ouviremos em «S. Carlos». Oxalá que o nosso publico a possa compreender.

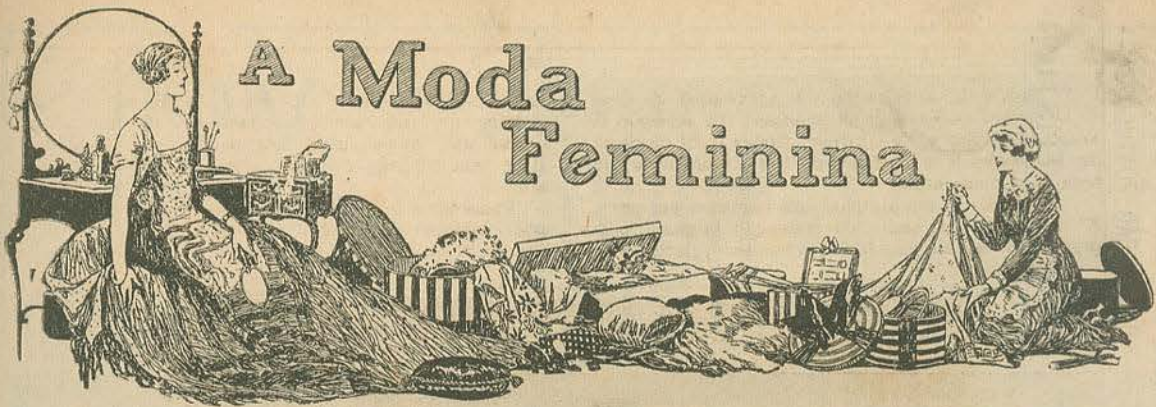
Alfredo Pinto (SACAVEM)

A PROVA TELEPATICA DE ASTRIX LUCKSOR



A assistencia durante a prova em que o sr. Lucksor achou um objecto occulto. — O vidente alemão sr. Astrix Lucksor.

A Moda Feminina



O SEGREDO DO CHIC

por D. HELENA DE ARAGAO . . .
. . . (Ilustrações de Jorge Barradas)

«**S**ER chic! Quantas preocupações, quantos estudos porfiados, quantas tentativas, nem sempre felizes, estas duas palavras sintetizam!

«Ser chic» é a aspiração de todas as senhoras que dispõem d'um momento para volver o olhar ao espelho, mas, se a aspiração é ardorosa, e veemente o desejo de ingressar nas fileiras da alta elegância, devemos reconhecer que muitas d'essas aspirações não passam do primeiro degrau da escada dourada que conduz ás regiões do «chic».

Não é elegante quem quer, e mal avisado anda quem procura na sumptuosidade a nota inconfundível da distinção.

A moda actual, delineada com discreta fantasia, revela-nos que os seus caprichos obedecem hoje ás normas da razão, a que se submeteram, finalmente, reconhecendo que ela lhes será mais seguro guia do que o foi a excentricidade.

A linha geral da «toilette» feminina é simples, desprovida de complicações de forma, banindo os artificios que a estetica não aceita: corpos compridos, cinturas marcadas sobre as ancas, na maioria dos casos, o que dá á «silhouette» um encantador aspecto juvenil, saias suficientemente rodadas para não dificultarem o passo, mas caíndo de forma a não alargarem a linha, que deve ser esguia e flexível, eis os topicos em que a moda assenta.

Mas quantas maravilhosas fantasias se criam e desenvolvem sobre o tema simples que acabamos de enunciar!

As mangas, complemento da «toilette» que hoje prende fortemente as atenções dos «meneurs» da moda, apresentam-se-nos modificadas na forma, sobretudo nos vestidos de passeio, que, na grande maioria, adoptam as «mangas-pagode», recamadas de bordados e de guarnições variadas.

Indiscreções preciosas annunciam-nos modificações sensíveis na «toilette» feminina, e, d'entre outras novidades de sensação, destacamos uma que vai revolucionar os «boudoirs» elegantes e provocar serias meditações: a aura dos cabelos loiros empalidece sensivelmente e não tardará a extinguir-se por completo. Em troca a cor d'ebano triunfa, segundo todas as previsões.

— A moda d'este anno pronunciar-se-ha pelos cabelos negros, — diz-nos confidencialmente, um cabeleireiro celebre, que nenhuma frequentadora d'esses estonteantes escrinios d'arte de que a «Rue de la Paix» se orgulha desconhece.

Preparemo-nos pois, gentis leitoras, para o triunfo dos cabelos escuros, que tanto contribuem para fazer ressaltar no resto feminino, a impressionante expressão da melancolia suave a que o coração se rende vencido...





«Um colecionador» é o título da aguarela de ALFREDO MORAES, que é sem dúvida um dos seus melhores trabalhos. Estve exposta na Sociedade Nacional de Belas Artes, onde foi muito apreciada.

FIGURAS E FACTOS



UMA exposição, um casamento, uma estatua, um julgamento e a homenagem a um dos nossos mais indefessos trabalha-



1. O sr. dr. Antonio Baião, director do Arquivo Nacional, que acaba de ser eleito socio da Academia das Sciencias de Lisboa.—2. O casamento do sr. Luiz José de Seabra Ferreira Roquette com a sr.^a D. Maria O'Neill Wanzeler de Roure, na Igreja do Corpo Santo. 3. A pin-



tora belga M.^{lle} M. Ivone que fez a sua exposição na Rua Garrett, exposição que tem merecido os melhores elogios da critica. Um recanto do «Teiler». (Cliché do sr. Lopes Viana).

dores são, com a morte do nosso ministro na Alemanha e a tentativa de assalto ao tesouro da Madre de Deus, os factos mais importantes da semana. O resto, bombas, crimes, gente que nasce e que morre é a vida de todos os dias, tempo que parte, vida que passa.

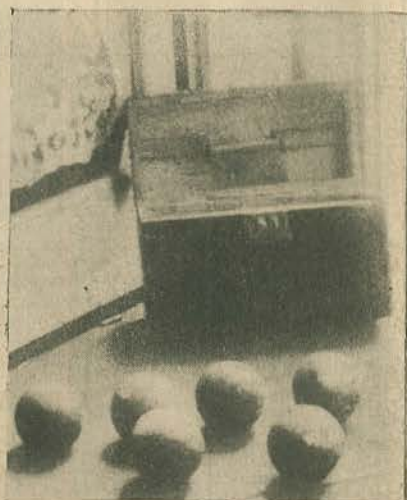
A estatua do escultor Francisco Santos A Leí, no seu pedestal da sala da Camara dos Deputados. — O coronel sr. Vieira da Rocha perante o tribunal, que o absolveu, por ter morto o sr. Visconde de Vilar, desagravando a sua honra. O sr. dr. Anibal Soares seu advogado de defeza.



A Ex.ª Sr.ª D. Helena Dou-rado Pereira Forjaz de Sampaio, esposa do general de engenharis, sr. Diogo P. Forjaz de Sampaio, recentemente falecida em Bemcanta, Coimbra.



O sr. Lambertini Pinto, nosso ministro em Berlim, onde faleceu no exercicio do seu cargo.



As bombas apreendidas na redacção de «A Monarchia».

1. A igreja da Madre de Deus, que os gatunos tentaram assaltar. — 4. O escritor e official do exercito sr. Chagas Franco, que em Franca vai reger uma cadeira de portuguezs. — 5. A porta por onde os gatunos tentaram entrar na igreja da Madre de Deus.



A festa de homenagem ao sr. B. Manuel Pereira, dos bombeiros voluntarios do Dafundo, por ter oferecido o prédio onde se instalou a estação de incendios

VIDA TEATRAL

TEATRO AVENIDA (Companhia Maria Matos & Mendonça de Carvalho)

A inimiga, peça em 3 actos de U. Nicodemi,
 TRADUÇÃO DE EDUARDO SCHWALBACH

A «Inimiga» é a personagem central da peça. É viúva e tem dois filhos. Um d'elles é adoptivo e por isso a mãe ao vêr que ele, como mais velho, em tudo pretere o filho do seu coração, odeia-o e guerreia-o surdamente. Ha scenas violentas, almas torturadas e toda a peça mantém a sua intensidade de interesse. Vão ambos para a guerra e quando toda a gente espera algo de terrível volta o bastardo, o



Eduardo Schwabach no seu gabinete de trabalho.

adoptivo, que apesar de tudo quer á «Inimiga» como mãe. Ela tem então apenas um filho.

O desempenho é excelente e tendo agradado todos, Maria Matos e Mendonça de Carvalho impuzeram-se pelo caracter dado ás figuras que interpretaram. J. Lopes e J.



Rober: — «Porque insiste d'essa maneira minha mãe?» (2.º acto).



Ana: — «Nenhuma sofre como eu soffo» (3.º acto).

Luisa (lendo): — «E agora mando-te todo o meu amor e toda a minha fe n'um grande beijo...» (3.º acto).

Ferreira com Berta de Albuquerque ouviram tambem bastos aplausos do publico.



Rober: — «Que prefere? Fumar aqui, ou dar uma volta no jardim?» (2.º acto).



O leilão das Picôas

Imagens, jarras, quadros e oratórios. Quem dá mais?



UMA das salas do antigo Convento das Picôas vendeu-se ultimamente em leilão uma infinidade de objectos, que foram pertença de varias instituições

religiosas. Foi concorridissimo o leilão e objectos de um valor relativamente inferior alcançaram exagerados preços. De resto, no leilão havia de tudo: quadros e imagens, castiçais e jarras, orato-



1. Aspecto da sala onde se realisou o leilão



3. Objectos adquiridos pelo Museu Nacional de Arte Antiga.



2, 4 e 5. Três aspectos dos objectos leiloados.

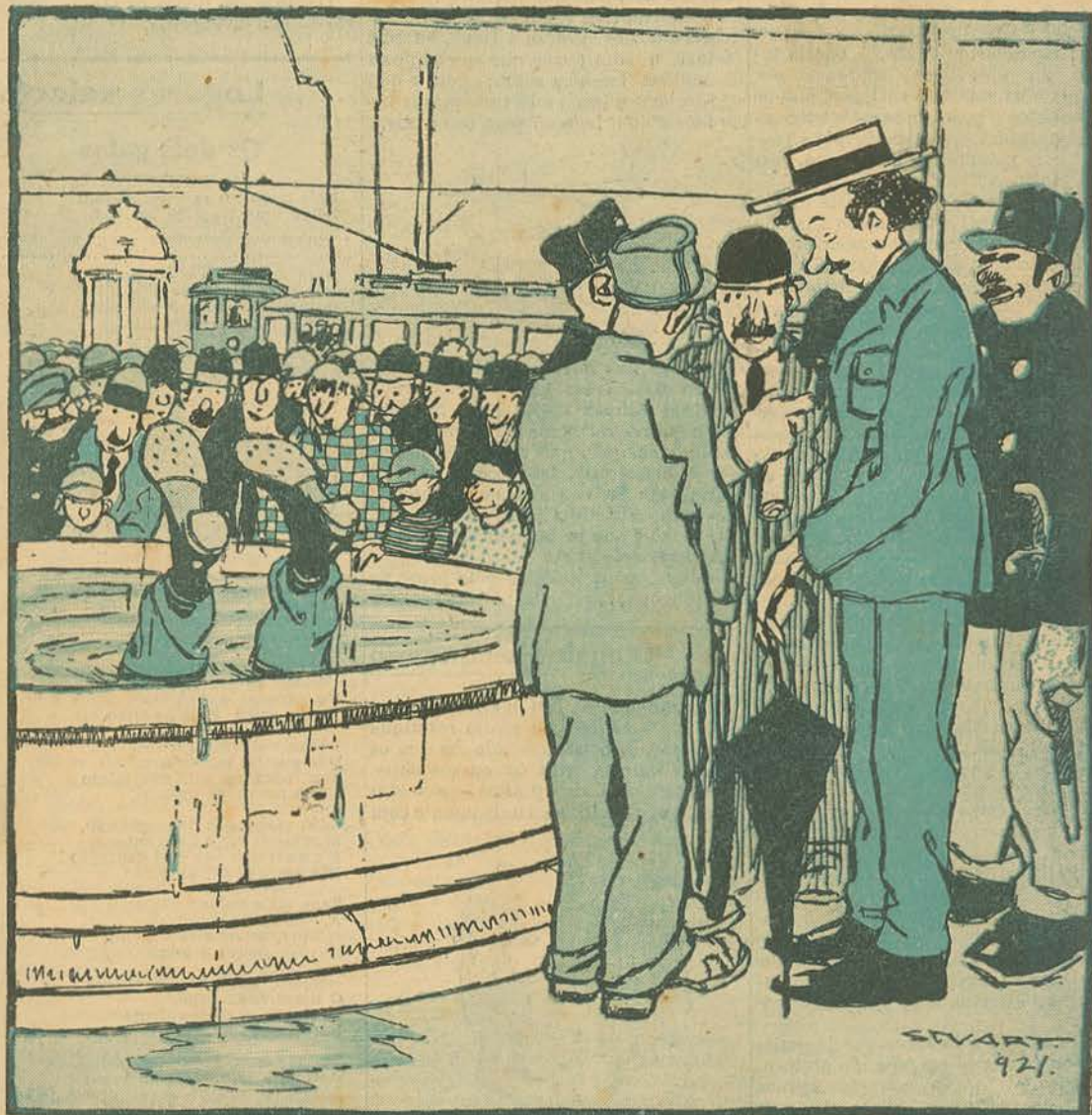
rios e objetos de culto, toda a indumentaria do divino. O Museu Nacional de Arte Antiga tambem entre os objectos forrageou os que tinham valor artistico, para aumentar as suas valiosas colleções.





Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

SUICIDIO JUSTIFICADO



O reporter :

- Qual seria a causa do suicidio?
- Não se sabe. Aqui o camarada diz que este homem estava n'um banco, com um jornal na mão, a ler as propostas de finanças e de repente — zás, lançou-se ao lago.
- E sabe-se quem é?
- Não senhor, mas como tem botas novas, deve ser algum milionario...



PALESTRA AMENA

Poetas

Somos a dizer que a edição da noite, do «Seculo», é interessantíssima, como não podia deixar de ser, pertencendo á familia do «Seculo Comico», um dos seus irmãos mais velhos. A variedade dos assuntos na prosa e verso, a perfeição das gravuras, a elevação com que tudo ali se trata, sem prejudicar a clareza, que é indispensavel n'um jornal popular, tornam-o muito do nosso agrado. Hoje dirigimo-nos em especial ao colaborador da mesma folha, que assina com o pseudonimo de «Myriam» a proposito de um artigo «Cartas a um poeta — a poesia não é uma arte completa».

Tem carradas de razão. A poesia segundo diz «Myriam», traduz-se por palavras e as palavras realçam mal os pensamentos e peor ainda os sentimentos, que a musca, a escultura e a pintura, ainda na opinião do mesmo, realizam muito melhor.

E' certo, mas nós vamos mais longe: nenhuma d'estas artes, como a poesia tambem, realisa completamente um pensamento ou um sentimento. Vamos, por exemplo, ao sentimento maternal: uma mãe abraça um filho, de quem tem de separar-se — um filho que vai, imagine-se, para as costas d'Africa — e diz-lhe: — Adens, até sabe Deus quando! Evidentemente a pintura fará muito, ou a escultura, esta representando as duas figuras com a expressão apropriada ao assunto, aquella acrescentando-lhes as cores respectivas; se junto do quadro ou do grupo escultural uma orquestra tocar um trachosinho sandoso, muito mais significativo será tudo aquilo, e ainda se se encontrasse maneira (e porque não ha-de encontrar-se um dia, com os progressos da electricidade aplicada á acustica!) de fazer que a mãe dissesse ao filho: «Adens, até sabe Deus quando!», de modo que a frase se ouvisse por cima da musica, ali tinhemos nós um conjunto que expressaria, sem nada lhe faltar, o sentimento maternal.

De onde, o que parece é que o ideal seria reunir as tres artes, e mesmo assim alguma coisa ficaria sempre por exprimir e essa alguma coisa, que seria o que se passasse no intimo da mãe e no do filho, comoveria muito mais do que a pintura, a musica e a palavra.

Demos um exemplo em que não entra o verso, porque esse, na hipotese que apresentamos, viria desmanchar os efeitos: se a mãe dissesse uma quadra, eles poderiam ser, afinal, ridiculos.

Mas está-nos a lembrar que já assim não aconteceria se em vez de pintura, de musica e de prosa, houvesse apenas poesia, descrição da scena em verso. Então é possível que se pudesse dar ao mesmo tempo a impressão da forma, da cor, do som e do que não se via nem se ouvia...

«E será realmente preciso que exis-

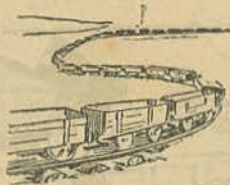
tam os poetas?» pergunta «Myriam» no fim do seu artigo. Não, responde-mos nós, perentoriamente. A verdade é que Camões não era cá preciso para nada e que os «Lusiadas» não evitaram que as batatas estejam hoje a cruzado o quillo, com tendencia para subir...

J. Neutral.

1.500 vagons

Anda por aí um anuncio com a oferta ao governo de 1.500 vagons e segundo parece o contrato é vantajosissimo para nós, pois que parece que o que nos faltava eram vagons.

Mercadorias, graças a Deus, ha uma fartura e aquilo com que se compram os melões tambem sobra; agora o que não tinhamos era onde transportar tudo isso d'uns logares para os outros...



Sempre nos quiz parecer que a nossa salvação havia de vir da America, e o mesmo supoz muita gente boa logo que a guerra terminou. Tardon a salvação, mas, pelo que vê, vai iniciar-se — e á americana, isto é como uma tal quantidade de vagons que é possível que não caibam em terra tão pequena.

O diabo é que os homens são capazes de querer dollars em troca, mas isso é o menos, porque estão pelo preço da uva pingona...

O ensino secundario

Ora até que enfim o ensino secundario vai ser o que ha muito convinha que fosse. Sabe-se o estado em que os rapazes entram para os cursos superiores ou para a vida pratica — para esta quando vão habilitados unicamente com



os cursos dos licens. E' uma desgraça, não tanto em sciencias e letras, como em maneiras; se não, leiam-se nas folhas noticiosas as frequentes rixas nos cafés da Baixa.

Pois bem: uma comissão acaba de ser nomeada para rever esse ensino e a ela preside nem mais nem menos do que o sr. dr. Bernardino Machado.

Está-se a ver o bem educados que os pequenos serão d'aqui para o futuro. O curso vai obedecer, mais ou menos, a um programa, que insistirá nestes pontos, entre outros: Manual de Civilidade, regras de redacção delicada, tratamentos de cortezia a superiores, ignaes e inferiores, fechos epistolares (muito atento, venerador, criado e obrigadissimo), principios de francês (emprego das frases «S'il vous plait! Pardon! Excusez!» etc.), leis da atracção universal, harmonica quimica, principios d'anatomia (flexão dos musculos da nuca, flexão da espinha dorsal,) etc.

Durante as lições os alunos conservar-se-hão de cocoras.

Logares selectos

Os dois gatos

Dois bichanos se encontraram
Sobre uma trapeira um dia

Dum deles todo o conchego
Era dormir no carvalho;
O outro, em leito de senhora,
Tinha mimoso agasalho.

Ao primeiro o dono humilde
Espinhas apenas dava;
Com exquistas manjares
O segundo se engordava.

Miou e lambem o aquele
Pelo ver da sua casta;
Eis que o bratinho orgulhoso
De si com desdem o afasta.

Aguda unhada vibrando
Lhe diz: — Gato vil e pobre
Tens semelhante ousadia
Comigo, opulento e nobre?!

Cuidas que sou como tu?
Asneirão, quanto te enganasi
Entendes que me sustento
De espinhas e barbatanas?

Logro tudo o que desejo,
Dão-me de comer na mão;
Tu lazeras, e dormimos
Eu na cama, e tu no chão.

Poderás dizer-me a isto
Que nunca te conheci;
Mas, para ver que não minto
Basta-me olhar para ti.

— U! respondeu-lhe o gatorro,
Mostrando ar de estranheza,
E's mais que eu? Que distincção
Pós em nós a Natureza?

Tens mais valor? Eis aqui
A occasião de o provar.
— Nada, acode o cavalheiro,
Eu não costume brigar.

— Então, torna-lhe enfadado
O nosso vilão ruim,
Se tu não és mais valente
Em que és superior a mim?

Tu não mias? — Mio — E sentes
Gosto em pilhar algum rato?
Sim — E o comes? — Oh se o como!
— Logo não passas de um gato!

Abate, pois, teu orgulho
Intratavel criatura,
Não tens mais nobreza que eu,
O que tens é mais ventura.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida Zefa du mê curassão.

Estimarei que estas duas mal nutadas regras te vão axar como deus noço senhor fôr cervido ca minha ó fazer desta é vóa grassas a deus pra sempre ámem.

Cempre te quero dezer ca D. Maria Mattos caídas onte era uma galderia na malva brava—cigundo otros malva louca—istá agora nim mais nim menos que duqueza touda puxada á sustansia i cum um degote nas costas que le xega dênos u pesosso inté á retunda abacho da sântura. E vai da im ten un filho munto cinpatego que touda a jente istima munto inclusivel a filha d'um lorde que é tão lorde c:ma mim ó enua ati i cum quem ella inbira que é uma coisa pur damais i cumo á uma gaja que istá tamem apachunado pello çubradito filho, cujo este é u Mindonsa de Cravalho a gaja diz ó Mindonsa que a mãi inbira cum elle porque elle não é filho do pai mas do outro filho da mãi. O rapaz diz eça piada á duqueza Mattos i agora é que foram ellas! Afinal nu fim de contas u filho era d'otra mãi i a duqueza nan era mãi delle porque era filho do pai i não era da mãi nan sei ce percebes que en cá is-



pelicume bem conforme ponço i vai ós pois u Mindonsa i outro filho da dita duqueza Mattos vai pra guerra cum us alimões i u filho berdadeiro morre lá i u Mindonsa fica fresco cumo uma alfacia i nisto tudo entra un bispo que é u Lopes que in majina que prá gente cer bispo basta prantar umas grandes brabas na cara. I cum isto nan te infalo mais porque te istou a iscrever nu café Martinho i cumesson agora munta traulitaria entre istudantes ca uns istudam pra intergalistas i outros pra republicanos i querem toudas meter as inpeniões delles dentro da cabessa dos outros raxando-las prumôro já ce sabe i isto xeira-me munto a molho i intão ponho ponto feinal nesta meciva du tê marido i isponso á fassia da santa madre ingreja ca bida te de-seija i te manda muntas çoidades a touda a ubrigassão i ós noços caxopos mal ós noços bacros i mal a quem pur min préguntar ámem jasus maria josé. N. B.—Dizem ca Matos se vai batter com a Dulinda Massedo. Sará fitta?

Jerolmo,

Emprezario do Pauliteama de Peras Rulvas.

EM FOCO



Maria Matos

*Crêdo! que medo tive de vossercia
Na peça intitulada A inimiga!
Foram pedaços de tragedia antiga,
Na sua desmedida violencia!*

*O que me assombra mais é a paciencia
Com que o Mendonça atura tal cantiga!
Eu cá—dê-me licença que lhe diga—
Metia-a n'um hospicio, por demencia!*

*E, o que é melhor ainda, é que á saída,
Depois d'aquela recita medonha,
Encontrei o Mendonça na Avenida*

*E ao lado d'ele, amavel e risonha,
Vossencia conversando, derretida!...
Ha muita pouca gente com vergonha!*

BELMIRO

Anuncios misteriosos

Era costume dos antigos periodicos humoristicos comentar os anuncios, que a isso se prestavam, com mais ou menos chiste, mas nós somos pessoas novas, modernas, com o sangue na guelra e não recorreremos a tais arqueologias. Se hoje recorremos ao anuncio não é para o comentar — é para que se saibam as consequencias a que pode levar um equivoco impensado.

Ha uns pouco de mezos que os jornaes diarios anunciam:

Bailarinas

«Para todos os tamanhos... Aquecimento rapido. Preço modico».

Ora o bem conhecido. Fagundes, 1.º official das alfandegas, como tenha uma subvenção de que não dá contas á esposa, porque esta imagina que o marido ainda recebe o seu antigo ordenado, pelo que lá em casa estão todos a pão e laranja—um quarto de pão por dia e um gomo de laranja de dois em dois dias—o Fagundes, iamos dizendo, arrebitou as orelhas logo que leu o tal anuncio. Bailarinas de aquecimento rapido, e de todos os tamanhos—ele, que adorava as mulheres encorpadas, e demais a mais por preço modico, convinham-lhe.

E ei-lo que parte para a rua de tal, numero tantos, seguido, sem dar por isso, pela ciumenta e desconfiada esposa, que o viu estar a ler o anuncio, que o leu depois d'ele o ter lido e que, com a pedra no sapato, logo adivinhou onde ia o Fagundes.

Este parou á porta d'um latoeiro, que tinha realmente o numero do anuncio.

—E' aqui que se anunciam bailarinas? perguntou.

—Sim senhor, respondeu o dono da loja.

—De que nacionalidade são?

—Ora essa! são portuguezas.

—Eu preferia espanholas, confesso o aduaneiro. mas emfim, sirvamo-nos com a prata da casa. Queriam uma das maiores... Quanto custam?

—Cinco mil reis.

O Fagundes fez-se rubro.

Era um ovo por um real!

Custava-lhe a acreditar tão grande sorte.

—E aquecem depressa, realmente? interrogou.

—Não tenha duvida, afirmou o latoeiro. Com dois ou três jornaes faz ferver cinco litros d'agua...

N'esse momento a esposa do Fagundes entrava tambem na loja e berrava, puxando por uma orelha do traidor:

—Ah! que te apanhei, meu patife!

Vens pelas bailarinas, hein!

—Vem, sim, minha senhora, disse o homem da loja. Quer uma de cinco litros.

Tudo se esclareceu. Tratava-se de uma vasilha de lita, afunilada, a que os latoeiros puzeram o nome de bailarinas, de proposito para encravar a numerosa classe dos Fagundes. Aquele de que se trata salvou-se d'uma sova conjugal porque jurou á esposa o que queria era fazer-lhe uma surpresa, oferecendo-lhe a dita vasilha. Para ela aquecer de noite a botijinha da cama...

Correspondencia

LIBERATO.—Não é, decerto, o sr. Liberato Pinto. Se o fosse, apesar do seu artigo não estar na indole d'esta folha, publica-lo-iamos. Diga se é ou não é.

Onde está a felicidade?



— E diz este homem que é desgraçado! Quem me dera estar no lugar d'ele!